O QUE OS FALANTES FAZEM QUANDO ENCONTRAM SONS ESTRANGEIROS? *

Mehmet Yavas

Pós-Graduação em Lingüística e
Letras da PUCRS

1.0. Introdução

Para ser eficaz, o campo de ensino da língua recorre à pesquisa lingüística dos fatos sobre a língua. Se quisermos que nossos métodos de ensino não permaneçam no plano de ensaio-erro esta relação se torna inevitável. A década passada foi bastante proveitosa neste sentido, provendo-nos com pesquisas de eventos lingüísticos que enfocam o comportamento dos falantes. Erros de fala (Fromkin 1971), erros de percepção (Bond 1971), jogos lingüísticos (Sherzer 1970), juízos de informantes sobre formas recentes (Zimmer e Abbott 1978), aquisição etc. Desnecessário dizer, tais estudos esclarecem muitas coisas das quais as ciências aplicadas podem fazer uso. Neste domínio o contato lingüístico é uma das mais importantes áreas. E no âmbito do contato lingüístico o empréstimo é considerado um dos tópicos mais relevantes em termos de suas implicações.

O aprendizado de línguas estrangeiras tem forte similaridade com o item empréstimo do contato lingüístico. Durante as fases iniciais do aprendizado da língua estrangeira, a maioria das pronúncias de palavras estrangeiras ocorre em termos de segmentos e seqüências nativas. Esta fase assemelha-se muito à situação de contato esporádica por meio da qual itens lexicais provenientes de determinada parte penetram na língua tomada por empréstimo. Como o aprendizado lin-

---

* Este artigo foi escrito em inglês. Agradeço à professora Marta Helena Barão Kirst a gentileza da tradução para o português.

güístico envolve a aquisição da habilidade de perceber e de produzir sons estrangeiros e seqüência de sons, seria de se esperar que houvesse um estreito paralelo entre as dificuldades experienciadas pelo aprendiz da língua e as dificuldades vivenciadas por quem a toma emprêstada. Assim uma explicação relativa a que propriedades são identificadas pelo som L2 e pelo som substituto L1, será de fundamental importância na construção de tarefas de uma metodologia de ensino da língua estrangeira.

Este trabalho é uma tentativa de avaliar certas afirmações sobre o que os falantes fazem quando se deparam com sons estrangeiros, através de dados obtidos em várias situações de contato. Tentarei examinar alguns estudos voltados para o esclarecimento da substituição de sons estrangeiros e, por fim, mencionarei suas implicações para o ensino da língua estrangeira.

1.1. Aproximação fonética

Basicamente, neste abordagem declara-se que o falante nativo substituiu sons mais próximos de sua língua por sons estrangeiros. Entretanto, a expressão "mais próximo" é suficientemente vaga para criar confusão: pode ser definida em termos de articulação (Bloch 1950), ou de acordo com propriedades acústicas (Weinreich 1953). Como ilustração de aproximação acústica pode-se citar o exemplo dado por Weinreich, a interação de schwyzertutsch e romansch (1953: 14-18). Weinreich afirma que schwyzertutsch tem oclusivas surdas, tensas e frouxas, enquanto o romansch tem oclusivas surdas tensas em oposição a oclusivas sonoras frouxas. Como resultado, um falante do romansch tem dificuldade em perceber a diferença entre [t] e [D] do schwyzertutsch, freqüentemente pronunciando ambas com [t]

O exemplo clássico que os oponentes da aproximação fonética (Hyman 1970, Ritchie 1968) usam para contradizer este enfoque é a substituição de [θ] e [ð] do inglês em diversas línguas por [s] e [z] ou por [t] e [d] respectivemente. Um exemplo bastante percebido na literatura (Hyman 1970:9, Ritchie 1968:184) é que tanto o japonês quanto o russo possuem [t], [d], e [s], [z], mas na substituição para [θ] e [ð] do inglês, o japonês utiliza [s] e [z] enquanto que o russo usa [t] e [d]. A afirmação de que este fenômeno é foneticamente inexplicável provém do fato que as propriedades articulatórias dos alofones /t/ russo e /t/ japonês são quase iguais aos /s/ russo e /s/ japonês.

Além disso, há casos em que ambas as línguas, a fonte e a tomada por empréstimo, têm um som idêntico e várias substituições são feitas apenas pelas diferenças na distribuição alofônica. Por exemplo: em japonês o [s] nunca aparece antes do /i/ é automaticamente palatalizado neste ambiente para [ʃ], assim a palavra inglesa sea 'mar' é pronunciada [ʃi], mesmo que o [s] seja acessível aos falantes de japonês.

1.2. Aproximação fonêmica

A tese básica deste enfoque é que a assimilação de um segmento que vem por empréstimo é regulada pelo sistema receptor. Em outras palavras, o sistema de empréstimo da língua que recebe o empréstimo afeta a análise fonêmica das palavras tomadas de empréstimo e substitui os fonemas mais próximos de seu próprio inventário pelos segmentos estrangeiros.

Que a explicação deveria ser fonológica mais do que fonética não é novidade na literatura. Bloomfield (1933:446) apresen-

tou seu ponto de vista de que sons estrangeiros não são re-analidos como fenômenos isolados, ao contrário, são encaixados no sistema fonológico da língua tomada de empréstimo. Weinreich (1953: 14) descreve interferências em termos da distribuição alofônica dos fonemas da língua tomada de empréstimo. Em outras palavras, um falante identifica o fonema do sistema secundário (L2) com um do sistema primário (L1) e reproduzindo-o, submete-o às regras fonéticas da língua primária. Weinreich classifica o comportamento de um falante da língua tomada de empréstimo em termos do sistema da língua fonte.

(1) Subdiferenciação de fonemas: isto acontece quando dois sons da L2, cujos equivalentes não se distinguem na L1, são confusos. Por exemplo, em espanhol, /d/ é um fonema com duas variantes condicionadas: [d] aparece na posição inicial da palavra e depois de [n]; [ð] aparece na posição intervocálica. Os dois sons nunca contrastam em ambientes idênticos. Em inglês /d/ e /ð/ são fonemas distintos. Um falante de espanhol que está aprendendo inglês trata /d/ e /ð/ do inglês como alofones de um fonema, deixando de perceber e produzir o contraste em palavras tais como day 'dia' e they 'eles/elas'.

(2) Supradiferenciação de fonemas: isto envolve a imposição de distinções fonêmicas da L1 sobre os sons da L2, onde elas não são requeridas. Por exemplo, falantes do inglês interpretam [b] e [β] do espanhol como alofones de dois fonemas: /b/ e /v/.

(3) Re-interpretação de diferenciações: isto ocorre quando o falante distingue fonemas da L2 por traços que naquele sistema são meramente redundantes, mas que são relevantes no seu sistema L1. Por exemplo, um falante do finlandês-uma língua com duração distintiva de vogal- pode ignorar a diferença de qualidade da vogal em palavras inglesas como sit 'sentar' e seat 'assento' mas faz distinção entre elas e outras similares com base na diferença de duração dos núcleos de sílabas.

(4) Substituição fonêmica: aplica-se aos fonemas que são identicamente definidos em duas línguas, mas cuja pronúncia difere. Por exemplo, /t/ do português é dental e não-aspirado, e /t/ do inglês é alveolar e contextualmente aspirado; no entanto, ambos são classificados como [+coronal, +anterior, -sonoro, -contínuo].

Polivanov (1931), expressando posição semelhante, sugere que o falante, mesmo escutando uma palavra estrangeira desconhecida, tenta encontrar nela um complexo de suas representações fonológicas para decompô-la em fonemas pertencentes a sua língua nativa e certamente de conformidade com suas regras de agrupamento fonético.

Haugen (1950) também estabelece que somente uma análise completa do sistema de sons e da seqüência na qual os sons aparecem poderiam nos dar elementos para predizer que sons seriam apropriados para o falante substituir em cada caso dado.

Como é salientado na literatura, a aproximação fonêmica tem grandes vantagens sobre a abordagem fonética, no sentido de que pode responder pela distribuição alofônica de sons emprestados. As dificuldades atribuídas ao enfoque fonêmico são, geralmente, produto de um conhecido princípio: "uma vez fonema, sempre fonema".

Hyman (1970:16) apresentou o melhor caso contra a aproximação fonêmica. Ele alega que a distribuição de sons estridentes e a ocorrência de empréstimo em nupe são praticamente intratáveis na teoria fonêmica. A regra para palatalizar estridentes em nupe deriva "alofones" apropriados antes das vogais anteriores, da seguinte maneira:

Assim, o fonêmico /sĩ/ 'comprar' é realizado como [ʃi]. Entretanto, antes de /a/ temos ambas as séries dental e palatal e os pares contrastantes nos forçam a pressupor oito fonemas /s/, /z/, /ts/, /dz/, /ʃ/, /ʒ/, /č/ e /ǰ/. Além disso, exemplos de reduplicação tornarão imperativo que tanto /s/ quanto /ʃ/ fiquem no inventário fonêmico, porque /sã/ 'cortar' reduplica-se em [sĩsã], mas /sĩ/ reduplica- se em [ʃĩʃĩ]. De acordo com a teoria fonêmica deveríamos esperar que a seqüência [si] seja assimilada em nupe como [si]. Contudo, a palavra yoruba para "sixpence" (moeda inglesa) ʃĩʃi transforma-se em[ʃíʃì] em nupe, mesmo que a seqüência [si] apareça em nupe na forma [sísá] 'cortando'. Assim, Hyman concluiu que a teoria fonêmica é incapaz de manejar as ocorrências de empréstimo.

1.3. Traços distintivos

Uma outra abordagem à "nativização" do empréstimo utiliza a noção de "distintividade" no sentido usado na fonologia gerativa. Está implícita nesta abordagem o princípio de que a "aproximação fonética", definida independentemente da língua, não pode dar conta dos problemas de interferência fônica e que dever-se-ia procurar por explicações dependentes da língua. Ritchie (1968:191) descreve a metodologia da seguinte maneira: seguindo a condição de Halle (1959:34) imposta sobre o inventário de segmentos subjacentes de que o número máximo de especificações de traços nos segmentos subjacentes seja apresentado de maneira previsível pela regra fonológica, ele sugere o desenho de diagramas-árvore nas quais cada módulo representa um valor (+ ou -) do traço. O primeiro módulo divide todos os segmentos em duas classes, o segundo módulo divide cada um destes em duas

classes e assim sucessivamente. Cada ramificação do diagrama representa um segmento distinto. Cada segmento é identificado pelas respostas da seqüência de perguntas sobre ele. É consonantal ? É vocálico ? etc. O falante da língua tomada de empréstimo , quando se defronta com um segmento estrangeiro, "faz perguntas" sobre os traços do segmento estrangeiro e determina-lhe vários subgrupos do inventário que lhe são impostos pelo sistema de traços. Ritchie não menciona a possibilidade de uma ordem rigorosa ou hierárquica, na qual as perguntas devem ser feitas.

> ... o processo de identificação de qualquer um dos segmentos é geralmente mais eficaz para uma certa língua se as perguntas forem feitas em uma ordem do que se elas forem feitas em outra. (p. 191)

Ele considera, assim, diferentes substituições do [θ] inglês, pelo [s] japonês e pelo [t] russo.[1]

Naturalmente, considerando o assunto deste modo, estamos,inevitavelmente, impondo não somente uma hierarquia de traços específicos da língua, mas também uma binaridade restrita, ambas as quais muito questionáveis.[2]

Ritchie afirma que em línguas onde os traços [contínuo] e [estridente] se sobrepõem não podemos explicar a substituição de, por exemplo, [t] por [θ] pelos falantes daquela língua, porque os dois traços [contínuo] e [estridente] não seriam independentes; isto é, teremos [∝estridente] significando [∝contínuo] . Para apoiar sua afirmação, Ritchie menciona várias línguas que têm esta propriedade e exibem flutuação entre o [s] e [t].

Existem duas objeções a serem apontadas: em primeiro lugar, o turco é incorretamente incluído nestas línguas, porque em turco [∝ contínuo] não implica [∝estridente] ; /ʃ/ e /ǰ/ são [-contínuo]

mas [+estridente]. Segundo, a afirmação de Ritchie concernente às línguas onde [estridente] e [contínuo] fundem-se não se sustenta. O francês é uma das línguas, mas o fato de que os falantes do francês substituem [s] por [θ] rejeita a afirmação de que a fusão dos dois traços [contínuo] e [estridente] resultaria numa flutuação na substituição por [θ].

A situação do português é muito menos definida. Primeiramente, observamos uma flutuação do [t] e do [s] na substituição do [θ] inglês (alguns professores de inglês notaram também o uso do [f], embora este não seja, obviamente, tão comum quanto os outros). O problema surge do fato de que não possuímos uma visão uniforme das especificações dos traços para certas consoantes do português, isto é, o português é uma língua onde os dois traços [contínuo] e [estridente] estão fundidos? Em caso afirmativo, este fato apoiará o ponto de vista de Ritchie e justificará a flutuação na substituição do [θ] inglês. A dificuldade está na natureza do assim chamado r vibrante (ortograficamente representado por r/rr) em palavras como rápido, rua, carro, terra. As descrições do português (Reed e Leite 1947), (Câmara 1970), (Ellison e Matos 1971) e (Head 1964) não tornam possível dizer algo conclusivo a este respeito: este som é uma vibrante alveolar sonora, uma fricativa velar surda, uma fricativa uvular surda ou uma vibrante uvular surda? Todos os trabalhos acima mencionam as possíveis variações alofônicas. Se decidirmos pela vibrante alveolar, existiriá uma fusão contínua-estridente. Entretanto, se nós considerarmos este som como fricativa uvular, os traços [contínuo] e [estridente] não se fundirão. A confusão sobre este som está bem entendida porque não existem somente diferenças regionais na pronúncia, mas também há variações

individuais no mesmo dialeto regional. Todavia, observamos que a oscilação na substituição do inglês [θ] não tem qualquer relação consistente com a variação no português da vibrante alveolar/fricativa uvular. Assim, não importa de que maneira encaramos a situação, a análise do traço distintivo será insuficiente para o prognóstico da substituição do fonema inglês [θ] pelos falantes de português.

Outra maneira para explicar a substituição do som no modelo de traços distintivos é a de Carter (apresentada por Holden 1972:27). A diferença entre Carter e Ritchie diz respeito à ordem das perguntas a serem feitas nos diagramas-árvore. Ao contrário de Ritchie, Carter estabelece dois princípios bem definidos: 1) "parcimônia", que determina que sistema de traços mais econômico ou simétrico seja usado, 2) "hierarchia" que estabelece que certos traços devem ser (universalmente) ordenados antes de outros. Para demonstrar como isto funciona na "nativização" podemos citar dois exemplos. A substituição para [s] é [k] no hawaiano e [h] em maori (Holden 1972: 31-32). Isto é apresentado nas figuras I e II respectivamente. O caminho através do diagrama-árvore do som /s/ tomado de empréstimo é mostrado pela linha pontilhada.

Figura I HAWAIANO

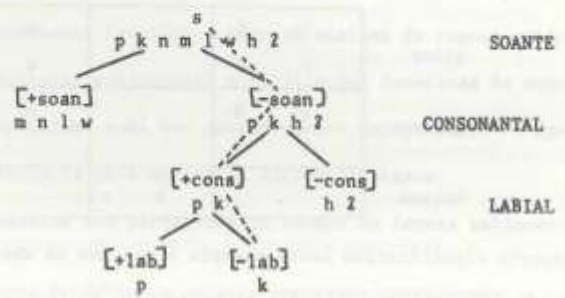
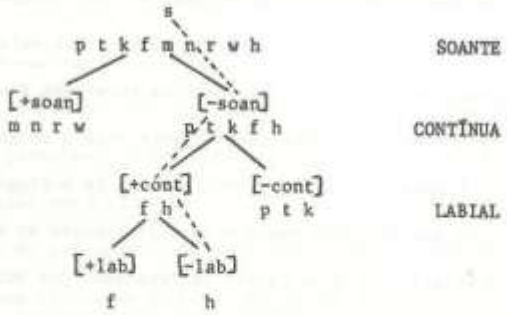


Figura II MAORI



A razão dada para os diferentes traços usados depois de [soante] nos gráficos, a saber [consonantal] para o hawaiano, mas [contínuo] para o maori é uma razão de parcimônia. No hawaiano o traço [consonantal] sobrepõe-se ao traço menos parcimonioso [contínuo]. Em maori o traço [contínuo] é escolhido porque dá uma divisão de 3 a 2 onde o traço [consonantal] teria dado uma divisão de 4 a 1.

Embora esta versão da análise dos traços distintivos do diagrama árvore pareça aplicar-se a tais casos, existem casos onde não funciona nenhum modelo de traços distintivos. Um destes casos é a substituição em norueguês do [θ] para [ʌ] do inglês. O norueguês tem o seguinte sistema vocálico:

Figura III

	anteriores		centrais		posteriores	
altos	i:	ʉ:			u:	
	i	ʉ			u	
médias	e:	ø:			o:	
	ɛ	ø				
baixas			ɑ	ɑ:		

O aspecto significativo neste exemplo é que não há absolutamente uma maneira para estabelecer qualquer hierarquia de traços que resultaria

numa substituição correta; desde que arredondado é um traço distintivo para as vogais médias anteriores em norueguês, onde quer que se coloque este traço no diagrama, [ʌ] seguirá o ramo negativo e, conseqüentemente nunca será identificado como [θ].

Uma situação semelhante pode ser observada na substituição do turco [θ] para o [ɚ] inglês (a combinação da vogal seguida de r como em bird 'pássaro', verb 'verbo', purple 'púrpura' etc.). Já que o arredondamento é distintivo em turco, a substituição de [θ] para o [ɚ] do inglês nunca será prognosticada no diagrama de traços distintivos.

1.4. Fonemas sistemáticos e regras fonológicas

O segundo e também mais amplo estudo de empréstimo na fonologia gerativa é o de Hyman (1970). Apresentando evidências do nupe , ele propõe que os empréstimos sejam sujeitos às condições de estrutura morfêmica e regras fonológicas relevantes da língua tomada de empréstimo. Hyman afirma que a aproximação fonética e fonêmica não é válida e que devemos recorrer às propriedades fonológicas da língua tomada de empréstimo e não aos hábitos fonéticos de seus falantes a fim de relatar o que será a forma lexicalizada. Sua hipótese é baseada na opinião de que a estrutura fonética pouco nos pode dizer sobre as palavras estrangeiras tornadas nativas. Apenas pelo reconhecimento de um nível mais aprofundado que o nível fonêmico autônomo e pela visualização do componente fonológico como um sistema de regras relacionando formas abstratas subjacentes a realizações fonéticas de superfície é que o empréstimo pode ser coerentemente manipulado. Hyman oferece três princípios para aplicar a diferentes casos.

(1) Sons estrangeiros são percebidos em termos de formas subjacentes (p. 19).

Aqui, a forma fonética da palavra empretada corresponde a uma

representação subjacente bem formada e não a uma representação de superfície bem formada. A solução proposta é que os falantes percebam a forma como uma representação subjacente, e então derivem a forma de superfície correta através de regras fonológicas nativas. Por exemplo, falantes do yaqui pronunciam a palavra estufa do espanhol como [ehtupa] porque yaqui tem a regra $s \longrightarrow h / __ \begin{Bmatrix} t \\ k \end{Bmatrix}$

(2) Segmentos estrangeiros equivalentes a segmentos nativos derivados de uma regra são lexicalizados como formas nativas subjacentes correspondentes (p. 39).

Aqui, o processo de lexicalização envolve percepção e conservação em termos dos segmentos subjacentes, os quais permitiriam a derivação de segmentos de superfície derivados apropriados. Por exemplo hausa wúrí > nupe wũrĩ . Não há /w/ subjacente em nupe, mas somente a glide /h/ da qual [w] e [y] são derivados antes de vogais anteriores, posteriores, arredondadas e não-arredondadas, respectivamente.

$$h \longrightarrow \begin{bmatrix} \alpha \text{ arredondada} \\ \alpha \text{ posterior} \end{bmatrix} / ____ \begin{bmatrix} \alpha \text{ arredondada} \\ \alpha \text{ posterior} \\ V \end{bmatrix}$$

Assim, o [w] do hausa é percebido como derivado via regra acima do/h/ subjacente.

(3) Quando um segmento estrangeiro aparece num ambiente no qual o segmento nativo derivado equivalente não aparece, então a forma da palavra estrangeira emprestada é modificada, a fim de que a descrição estrutural desta regra seja encontrada e o segmento em questão seja derivado no ambiente apropriado. (p. 40)

Por exemplo, hausa Bù:gàbá > nupe bĩgàbá. A regra para a derivação de palatais estridentes em nupe é dada anteriormente em 1.2. Como a palavra hausa tornaria esta regra opaca, o [u] tornar-se-ia /i/ para permitir a aplicação apropriada da regra na colocação de /bigàbá/[3] na estrutura profunda. Desta maneira, o processo de assimilação envolve percepção em termos de fonemas sistemáticos e a descrição destas seqüências de elementos em suas formas fonéticas de superfície via regras ordenadas do componente fonológico.

Os princípios de Hyman têm sido criticados e desafiados por muitos estudiosos. Por exemplo, Ohso (1972:2) mostrou claramente que há uma contradição entre o primeiro e o segundo princípio. Se a língua tem a seqüência fonética yz a qual é derivada da seqüência xz subjacente pela regra $x \longrightarrow y / __ z$, que também tem uma seqüência subjacente yz, será que a língua lexicaliza a seqüência yz tomada de empréstimo como xz ou yz ? Quando a oposição de x e y subjacentes é completamente neutralizada no ambiente __z, a seqüência será lexicalizada como yz de acordo com o primeiro princípio, mas como xz de acordo com o segundo princípio.

Além disso, Odden (1976:93) aponta que o terceiro princípio não se aplica a certos exemplos do nupe. A palavra higʸira do nupe é tomada de empréstimo da palavra hiǰra do hausa. Já que o h não está na posição onde possa ser derivado em nupe (antes de i aparece o y) o terceiro princípio requer que o i seja substituído por algo que permita o h ser derivado em nupe; este algo seria a. Mas higʸira não se torna hagʸra. Assim, o terceiro princípio falha onde deveria ser aplicado.[4]

1.5. Manifestações acústicas de superfície

Não satisfeito com as análises de traços distintivos e os princípios de Hyman em relação a empréstimo, Holden (1972) reintroduziu a importância da fonética de superfície. Para mostrar as limitações de estudos anteriores, Holden cita entre muitos exemplos a seguinte substituição no russo para os sons do inglês [k] e [t] A palatalização de consoantes não velares é distintiva em russo. As consoantes velares, por outro lado, se palatalizam automaticamente antes das vogais anteriores. A substituição do russo para [k] inglês quando foneticamente anterior e elevado é [k'] O [k] do inglês antes da vogal posterior é substituído

pelo [k] russo. Entretanto, não observamos o mesmo para outras consoantes nas quais a palatalização é distintiva. Assim, o [t] do inglês antes das vogais anteriores é tomado de empréstimo como um [t] não palatalizado em russo. A substituição do [t] será prognosticada por um método que utiliza uma hierarquia de traços distintivos, porque tanto o empréstimo quanto os sons substituídos são [-compacto, -grave, -contínuo, -sonoro e -estridente].

Contudo, a substituição para o [k] do inglês aponta para outra direção, isto é, a justificação da análise de Hyman, mas a rejeição de traços distintivos. [k'] em russo é um alofone de /k/ e assim não necessita ser especificado pelo traço incisivo (ing. sharp). Um k tomado de empréstimo com leve palatalização, presumivelmente perceptível ao ouvido russo será interpretado, então, como [k] por hierarquia de traços, desde que a incisividade não seja especificada no diagrama. Isto corresponderia ao segundo princípio de Hyman: um segmento tomado de empréstimo (inglês [kV̈])[5], correspondendo a um segmento nativo derivado (russo [k']), é lexicalizado como o fonema russo subjacente /k/, o qual permitiria a derivação correta deste segmento russo [k']. Aqui, Holden, acertadamente, faz a seguinte pergunta (p. 46):

> Por que o falante nativo russo é capaz de perceber uma leve palatalização de uma consoante velar do inglês e, deste modo, identifica-a com sua própria derivada consoante velar altamente palatalizada, ainda não é capaz de perceber qualquer leve palatalização de segmentos dentais do inglês antes das vogais anteriores para que eles também sejam interpretados pelos segmentos incisivos correspondentes em russo?

Em outras palavras, por que o t no [tV̈] do inglês não identificado

como o [t'] do russo e lexicalizado como o /t'/ subjacente do russo, assim como o k no [kV̈] do inglês é identificado com o [k'] derivado do russo?

Após alguns outros exemplos no mesmo campo, Holden chega à conclusão de que as diferenças em graus de palatalização são decisivas em cada caso e estas diferenças são específicas de língua. É esta manifestação linguística específica do traço na língua tomada de empréstimo que parece ser a mais crucial no processo de "nativização". Assim, o inglês [k] antes de vogais anteriores é percebido pelo russo através da comparação de seu próprio [k'] e [k] como estando mais próximo ao primeiro do que ao segundo. Entretanto, o [t] do inglês no mesmo ambiente, apesar de uma aparentemente comparável palatalização, será interpretado como o [t] do russo e não [t'].

Todos estes exemplos deixam claro que, a fim de explicar a substituição do som estrangeiro, nem a análise de traços distintivos nem as proposições de Hyman são capazes de um esclarecimento completo dos casos observados. Em muitos fenômenos de substituição, as formas fonéticas de superfície dos sons em questão parecem ser mais importantes para a explicação. Desta forma seremos capazes, por exemplo, de explicar por que os falantes do norueguês substituem o [ʌ] do inglês por [ɑ], porque [ɑ] é acusticamente a vogal mais próxima do [ʌ]. Todavia, tal noção de aproximação fonética não deveria ser igualada a que é definida por traços distintivos. Os exemplos de substituição de sons estrangeiros mostram que as caraterísticas fonéticas não estão intimamente ligadas aos traços distintivos que funcionam na língua, ou a qualquer grupo universal de traços distintivos como são corretamente representados. Falantes e ouvintes, produzindo e interpretando fatos lingüísticos, parecem usar parâmetros fonê-

ticos que não têm uma relação um-a-um com os traços fonológicos.

1.6. Conclusão

Seria reconfortante se tivéssemos encontrado uma única unidade como traço distintivo, responsável pela substituição de sons estrangeiros. Por exemplo, como Ritchie sugere, poderíamos ter classificado os problemas dos falantes de japonês em distinguir [θ] do [s] como um problema geral de distinção entre consoantes contínuas estridentes e consoantes contínuas brandas, e, conseqüentemente, preparado exercícios específicos para motivar a aquisição da distinção estridente-branda (doce) em nossas metodologias de ensino. Infelizmente a solução não é tão simples e a explicação para a substituição de sons estrangeiros requer estudos fonéticos muito mais rigorosos.[7]

Há uma lógica incontestável no estabelecimento de uma relação próxima entre os métodos de ensino de línguas e o melhor conjunto estabelecido dos fatos sobre a língua. O campo de ensino de línguas tem a responsabilidade de acompanhar a pesquisa lingüística. Tanto os traços distintivos como fonologia gerativa são avanços definidos na lingüística e têm, de fato, muito contribuído para o ensino de línguas estrangeiras. No momento atual, o processo de substituição de sons estrangeiros, porém, está longe de ser resolvido, e assim devemos ser cautelosos com o que trazemos para nossas metodologias de ensino.

NOTAS

1) A explicação detalhada que Ritchie oferece para este relato é a seguinte: o valor de qualquer segmento com respeito ao traço estridente é previsível em japonês. Por outro lado, o valor da

consoante contínua é prognosticado somente em contextos muito limitados. A previsibilidade completa de estridência e a previsibilidade incompleta de valores de contínuo seriam representados no diagrama-árvore pela colocação da continuidade acima da estridência na hierarquia dos traços. Assim, prediríamos que um falante japonês, tudo sendo igual, "atentaria" para os correlatos fonéticos de continuidade nos atos de fala e ignoraria os correlatos de estridência. Isto explicaria sua produção de [s] por [θ], já que estes dois segmentos dividem o mesmo valor de continuidade, a pesar de diferirem quanto à estridência. A situação do russo apresenta um problema mais sutil, portanto são distintas a continuidade e a estridência. Entretanto, a descrição do som padrão russo como um todo é mais simples se o traço estridente for colocado acima do traço contínuo no diagrama subjacente decisivo, do que se a ordem for reversa. O falante do russo atingirá, assim, um grau mais alto de importância para a dimensão "estridente" do que para a dimensão "contínuo". Dessa forma ele agrupa [θ] com [t] na base de brandura compartilhada. Como uma regra em russo diz que todas as consoantes brandas não-nasais são oclusivas, o falante de russo, tendo classificado [θ] como brando, deduz que também é oclusiva e produz [t] em vez de [θ].

2) Ver Stanley (1967:409)

3) Opacidade/transparência é a extensão na qual as explicações das regras dadas à determinada forma não podem/podem ser vistas na produção fonética ao final da derivação da forma. Se temos a regra da forma A → B / C__D, os seguintes fatores reduzem a transparência da regra: qualquer exemplo de A no ambiente C__D em for-

mas superficiais; qualquer exemplo de +B em outros ambientes do que C__D; ou exemplos de B em C__D os quais não derivam de /A/.

4) Para uma crítica detalhada do ponto de vista de Hyman o leitor deve recorrer a Crothers (1973).

5) V̈ é vogal anterior.

6) Para uma abordagem animadora sobre isto ver Ladefoged (1980).

7) Leahy (1980), inspirado por Blache (1978) que substitui os traços binários por uma série de eixos terciários, sugere que existe base lógica no uso de traços distintivos não só na descoberta de sons errôneos, mas também designando metodologia para a eliminação de erros. Certamente falta verificar se esta abordagem modificada pode suprir as deficiências das experiências anteriores, baseadas em traços distintivos. Entretanto, o fato de que a binaridade não é o único problema que relaciona o comportamento dos falantes aos traços, sugere que esta não é a solução. A questão fundamental se qualquer análise de traços pode ser comprovada como a representação mental usada pelas pessoas quando elas usam a língua, não pode ser respondida simplesmente por descarte da binaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blache, S. (1978) The Acquisition of Distinctive Features. Baltimore, University Park Press.

Bloch, B. (1950) "Studies in colloquial Japanese", Language 26, 86-125.

Bloomfield, L. (1933) Language. New York, Henry Holt and Company.

Bond, Z. (1971) Units of Speech Perception. Ohio State University Ph.D. Dissertation. Reproduced in Ohio State University Working Papers in Linguistics 9.

Câmara Jr. J. M. (1970) Estrutura da Língua Portuguesa. Vozes, Rio de Janeiro.

Crothers, J. (1973) "On the abstractness controversy", Indiana University Linguistics Club mimeo.

Ellison, F. P. and F. G. Matos (1971) Modern Portuguese. New York Alfred A. Knopf.

Fromkin, V. A. (1971) "The non-anomalous nature of anomalous utterances", Language 47, 27-52.

Halle, M. (1959) The Sound Pattern of Russian. The Hague, Mouton.

Haugen, E. (1950) "The analysis of linguistic borrowing", Language 26, 210-231.

Head, B. (1964) A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro. University of Texas Ph.D. Dissertation.

Holden, T. K. (1972) Loanwords and Phonological Systems. University of Texas Ph.D. Dissertation.

Hyman, L. M. (1970) "The role of borrowing in the justification of phonological grammars", Studies in African Linguistics 1, 1-48.

Ladefoged, P. (1980) "What are linguistic sounds made of?" Language 56, 485-502.

Leahy, R. M. (1980) "A practical approach for teaching ESL pronunciation base on distinctive feature analysis", TESOL Quarterly 14, 209-219.

Odden, D. (1976) "What's really going on in Nupe?", University of Washington Working Papers in Linguistics 2, 89-95.

Ohso, M. (1972) "A phonological study of some English loanwords in Japanese", Ohio State University Working Papers in Linguistics 14, 1-26.

Polivanov, E. (1931) "La perception des Sons d'Une Langue Etrangere", Travaux du Cercle Linguistique de Prague 4, 79-96.

Reed, D. and Y. Leite (1947) "The segmental phonemes of Brazilian Portuguese: Standard Paulista dialect" in Pike, K. Phonemics, Ann Arbor: University of Michigan Press.

Ritchie, W. (1968) "On the explanation of phonic interference", Language Learning 18, 183-197.

Sherzer, J. (1970) "Talking backwards" in Cuna: the sociological reality of phonological descriptions", Southwestern Journal of Anthropology 26, 343-353.

Stanley, R. (1967) "Redundancy rules in phonology", Language 43 393-435.

Weinreich, U. (1953) Languages in Contact. The Hague, Mouton.

Zimmer, K. and B. Abbott (1978) "The k/Ø alternation in Turkish some experimental evidence for its productivity", Journal of Psycholinguistic Research 7, 35-46.

epecê
gráfica
Avenida Bento Gonçalves nº 4080
Telefone: 23-8084 — CEP 90.000
PORTO ALEGRE — RS — BRASIL